

MOITA DO OURIVES – UM SÍTIO DO NEOLÍTICO MÉDIO NO BAIXO TEJO (BENAVENTE, PORTUGAL): MATÉRIAS-PRIMAS E CULTURA MATERIAL

César Neves*, Filipa Rodrigues*, Mariana Diniz**

Resumo. No âmbito de trabalhos de arqueologia de emergência, foi levada a cabo uma intervenção no sítio arqueológico da Moita do Ourives (Benavente, Portugal). Localizado na margem esquerda da Bacia Terciária do Baixo Tejo, este sítio de habitat, ao ar livre, revela uma cultura material que o enquadra, cronologicamente, no Neolítico médio. A sua singularidade na região, onde as ocupações humanas da Pré-história recente são mal conhecidas, bem como a cronologia estimada para o sítio, que parece integrá-lo num momento do Neolítico ainda mal definido no actual território português, levou ao desenvolvimento de um projecto de investigação de que aqui se apresentam os resultados obtidos no campo da cultura material, matérias-primas e tecnologia.

Abstract. This article presents the main goals of a research project design to study the neolithisation process in lower Tagus valley left bank. This area, occupied by late Mesolithic hunter-gatherers at least until 6300 BP, was traditionally seen as a “no-man’s land” during Neolithic period.

Ago-pastoralist communities are established in nearby Estremadura limestone caves and rock-shelters since 6400 BP and in granite plains of central Alentejo at least since 6000 BP.

New data brought out by recent works in this area – surveying projects and rescue excavations – have revealed, based upon typological criteria since no absolute date is available for the moment, an Middle Neolithic settlement – Moita do Ourives.

We will discuss the main results of the 2004/ 2006 fieldwork and giving a special attention to material cultural, habitat structures and stratigraphic sequences.

1. MOITA DO OURIVES: LOCALIZAÇÃO E IMPLANTAÇÃO

O sítio da Moita do Ourives localiza-se na margem esquerda do Baixo Vale do Tejo, no concelho de Benavente, com as seguintes coordenadas M: 142.64881 e P. 21254326, altitude 30.868 m, da folha 405 da Carta Militar de Portugal.

O sítio implanta-se numa área aplanada sobranceira à ribeira de St. Estevão, junto a uma linha de água tributária desta.

A ocupação implanta-se num terraço da bacia terciária do Baixo Tejo, cujo enchimento sedimentar é constituído essencialmente por formações detríticas continentais de idade terciária e quaternária, acumuladas por transporte fluvial e/ou eólico.

2. HISTORIAL DOS TRABALHOS

O sítio arqueológico da Moita do Ourives foi identificado durante os trabalhos de construção da auto-estrada A13, no ano de 2004.

A primeira intervenção arqueológica realizou-se nesse mesmo ano, no âmbito dos trabalhos arqueológicos de emergência, dirigida por uma das signatárias (F. Rodrigues). Esta intervenção consistiu na abertura de uma área de 147 m² (*Locus* 1) na zona de afectação da obra, encontrando-se os seus resultados publicados (Rodrigues, 2004).

Em 2006 foi elaborado o projecto de investigação “NAM – Neolítico Antigo e Médio na margem esquerda do Baixo Tejo”, da responsabilidade dos signatários, que tem como objectivo central a recolha e tratamento crítico de informação arqueográfica, que permita preencher o actual vazio de conhecimento de contextos da Pré-história recente (Neolítico Antigo e Médio) naquela área geográfica (Neves, C.; Rodrigues, F.; Diniz, M, no prelo).

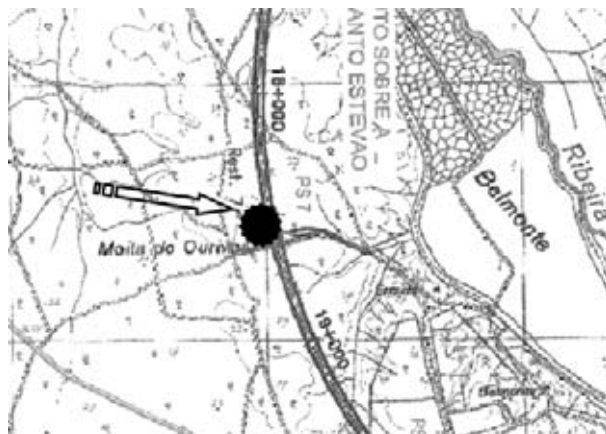


Fig. 1. Implantação do sítio arqueológico Moita do Ourives

No âmbito deste projecto, decorreu em Setembro de 2006 a segunda campanha de escavações arqueológicas na Moita do Ourives (*Locus* 2–60 m²), com o objectivo de avaliar a possível extensão do arqueossítio.



Fig. 2. Escavação arqueológica

* CRIVARQUE

Quinta da Silvã, Lote 154, Loja BEC. Torres Novas. 2350-743 – Torres Novas

** Departamento de História. Faculdade de Letras. 1600 – 214 Lisboa
nam@crivarque.net

A análise da cultura material e matérias-primas aqui realizada descreve as realidades observadas nas duas campanhas.

3. ESTRATIGRAFIA

Estratigraficamente o sítio Moita do Ourives caracteriza-se por uma estabilidade sedimentar atestada pelo desenvolvimento de um perfil de solo, facto constatado em 2004 e confirmado pela campanha de 2006.

A estratigrafia observada no Locus 2 é idêntica à verificada anteriormente no Locus 1, com excepção da presença de um horizonte orgânico de topo, removido em 2004 pelos trabalhos de terraplenagem da construção da auto-estrada (ver Fig. 1). Tratam-se de depósitos areosos não consolidados, com uma textura areno-siltosa no topo e de areias finas na base, variando a sua cor entre o pinkish grey (Munsell: 7.5 YR 6/2) (topo) e o brownish yellow (Munsell: 10 YR 6/6).

O nível arqueológico encontra-se estratigraficamente bem definido, em posição primária, a cerca de 70 cm da superfície topográfica actual. É nesta cota que se encontra as maiores densidades de materiais, numa potência máxima de 35 cm. O nível de ocupação foi totalmente intervencionado no *Locus 1*. No *Locus 2* esta unidade foi escavada apenas nos quadros R/16, S/16, T/16 e S/17, numa área de 16 m². Verificou-se neste nível uma dispersão vertical dos artefactos relacionada com fenómenos de perturbação pós-deposicional, tal como a bioturbação animal e vegetal e com as próprias características do solo (areias não cimentadas) que não oferecem resistência à migração dos artefactos. Sobre este ponto, acrescente-se ainda o facto dos materiais arqueológicos serem escassos nas camadas sobrejacentes, o que vem confirmar a preservação do nível arqueológico.

4. ESTRUTURAS

Foram identificadas 3 “estruturas de combustão/ aquecimento” no Locus 1 da Moita do Ourives. Estas estruturas encontravam-se claramente associadas ao nível arqueológico e eram constituídas por seixos de quartzito e quartzito. Apresen-

tavam uma morfologia plana, sem imbricação dos elementos estruturantes, com termoclastia in situ e remontagens completas dos blocos. Estas estruturas não apresentavam cinzas ou carvões, o que pode ser relacionado com processos tafonómicos do sítio (lixiviação ou fraca preservação destes elementos em solos de pH ácido) ou com a tipologia/ funcionalidade das estruturas (combustão/ aquecimento).

No Locus 2 foi identificada uma possível estrutura em “cuvette”, preenchida por um sedimento de coloração cinzenta. Uma primeira associação da coloração deste preenchimento com a presença de cinzas, remetendo para uma estrutura do tipo “cinzeiro”, deverá ser encarada com bastantes reservas. Em primeiro lugar, pelo facto das cinzas conservarem-se só em pH básico e noutra perspectiva, pelo facto da estrutura encontrar-se no limite W da área de escavação, impossibilitando uma clara associação com o nível arqueológico. Intervenções futuras deverão esclarecer estas dúvidas.

Em ambas as fases foram recolhidas amostras de sedimento para futuras análises em laboratório.

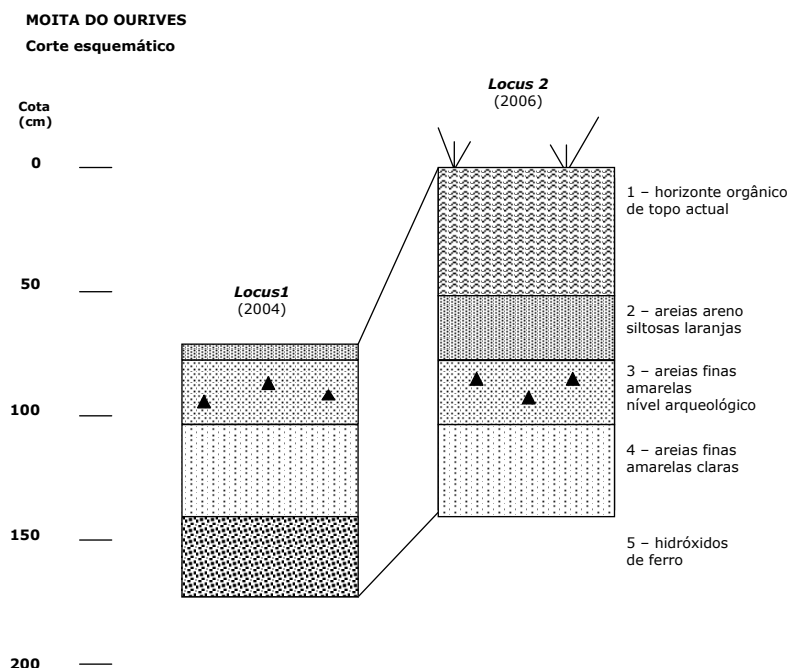
5. PEDRA LASCADA

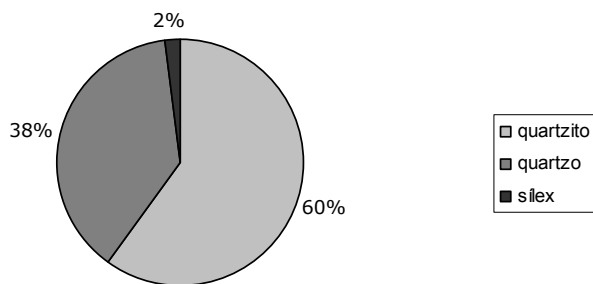
No campo da cultura material, a indústria de pedra lascada constitui o grupo mais abundantemente documentado no registo arqueológico em ambas as campanhas de escavação realizadas no sítio, com um número total de 3209 peças.

A presença no sítio de núcleos, produtos debitados e restos de talhe demonstra a existência de talhe local de algumas rochas e minerais localmente disponíveis, ainda que a posição de recolha deste material não tenha permitido identificar áreas funcionalmente especializadas na debitação da pedra.

Ao nível das matérias-primas talhadas, o quartzito ocupa um lugar de destaque representando cerca de 60% da indústria lítica. Segue-se o quartzito que atinge apenas os 38% do conjunto, e por fim o sílex, com apenas 2% das presenças.

Estes valores parecem uma consequência directa da proximidade/disponibilidade das diferentes matérias-primas, uma vez que o quartzito se pode encontrar em depósitos de terraço existentes a cerca de 200 m do sítio, depósitos que integram, ainda que com menor frequência, calhaus de quartzito, sendo por



Moita do Ourives: percentagens matérias primas

isso o sílex, mal representado no conjunto, a única matéria-prima não local.

Apesar de muito escasso, o sílex terá sido também objecto de talhe no local, atestado pela existência de um núcleo prismático e de sub-produtos de debitação desta matéria-prima.

Este material silicioso podia ser obtido, sob a forma de pequenos nódulos nos depósitos de terraço próximos do sítio, ou provir das regiões calcárias da margem direita do Tejo. No entanto, a existência de produtos de sílex com córtex rugoso e pulverulento demonstra que, pelo menos algum deste material, provém de contextos geológicos primários.

A presença no sítio, de matérias-primas exógenas traduz a existência de circuitos de exploração e/ou redes de troca de média distância que permitem ultrapassar os condicionalismos existentes na área de implantação do habitat.

As matérias-primas utilizadas foram objecto de diferentes modelos de gestão das debitações.

Moita do Ourives				
Inventário da Indústria de Pedra Lascada – Campanha 2006				
	Quartzito	Quartzo	Sílex	Total
Núcleos	12	4	1	17
Produtos debitados	132	38	12	182
Restos de talhe	225	91	14	330
Total	369	133	27	529

No caso do quartzito, a sua abundância parece ter gerado uma indústria expedita e oportunista, de tipo macrolítico, com escasso aproveitamento dos núcleos, por regra abandonados

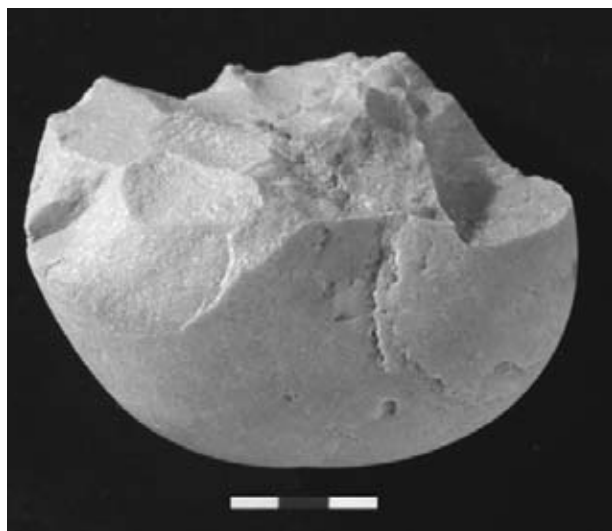


Fig. 3. Núcleo de quartzito

numa fase inicial da sua exploração, e vocacionada para a obtenção de lascas alongadas de médias dimensões, 3-4 cm de comprimento, que são raramente objecto de configuração por retoque.

Este retoque é, por regra marginal, e tende a produzir pequenos entalhes longo das superfícies activas.

O quartzo foi maioritariamente empregue na produção de pequenas lascas e lamelas, apresentando os núcleos, por regra de pequena dimensão na fase de abandono, um mais elevado grau de exploração, em alguns casos pelo método prismático, com algumas peças a exhibir mais de uma plataforma de talhe.

O retoque foi escassamente empregue sobre os produtos debitados de quartzo, que terão na maior parte dos casos funcionado como utensílios *a posteriori*.

Do conjunto, o sílex parece a matéria-prima cuja economia levanta um maior número de questões e que apresenta maior disparidade entre os resultados obtidos na campanha de 2004 e na campanha de 2006, o que justifica um tratamento diferenciado da informação provenientes destas intervenções.

Moita do Ourives			
Inventário dos Materiais de Pedra Lascada de Sílex			
	Campanha 04	Campanha 06	Total
Núcleos	3	0	3
Produtos debitados	19	12	31
Utensílios	4	1	5
Restos de talhe	7	22	29
Total	33	35	68

Da análise do quadro, torna-se claro que o sílex apresenta um panorama oposto ao das restantes matérias-primas exploradas no sítio. Neste caso, a raridade de núcleo (apenas um com exploração prismática), contrasta com o número de utensílios configurados por retoque, o que podia sugerir a circulação e entrada no sítio de produtos acabados como se verifica em contextos neolíticos mais tardios. No entanto, a presença de material cortical e de restos de talhe, entre os quais se detectam micro-buris, atestam, sem excluir a possibilidade da entrada de alguns produtos, o talhe local do sílex. A escassez de núcleos, no registo, terá assim outras causas eventualmente relacionadas com uma exploração muito intensa destes volumes e/ou o seu transporte para outros lugares de ocupação.

O sílex foi maioritariamente empregue na produção de suportes alongados, sendo mais frequentes as lamelas do que as lâminas, frequentemente configurados por retoque (caso das armaduras), traduzindo assim um maior investimento na produção desta utensilagem. A principal categoria tipológica parece a dos geométricos, representada por 6 trapézios e 1 crescente.

Na campanha de 2006, foi recuperado um geométrico fragmentado tendo, sido, no entanto identificada, entre os restos de talhe, a presença de micro-buris, alguns dos quais de muito pequena dimensão, que pela sua reduzida largura – 4/5 mm – não podem ser resultantes do fabrico dos trapézios, obtidos a partir de lâminas.

Ao nível das funcionalidades, a utensilagem de sílex, e de acordo com a tipologia dos produtos porque não foram ainda realizadas análises traceológicas, integra-se no grupo dos instrumentos multifuncionais, como é o caso de lâminas e lamelas, e no grupo dos utensílios de caça, trapézios e crescente.

A escassez de material de sílex pode ser, no sítio da Moita do Ourives, mais que um dado histórico o reflexo de uma circunstância arqueográfica decorrente das modalidades de abandono do habitat. A raridade desta matéria-prima podia justificar, ao contrário do que sucede com o material de quartzito, cuja abundância permite o sistemático descarte, o transporte, aqun-

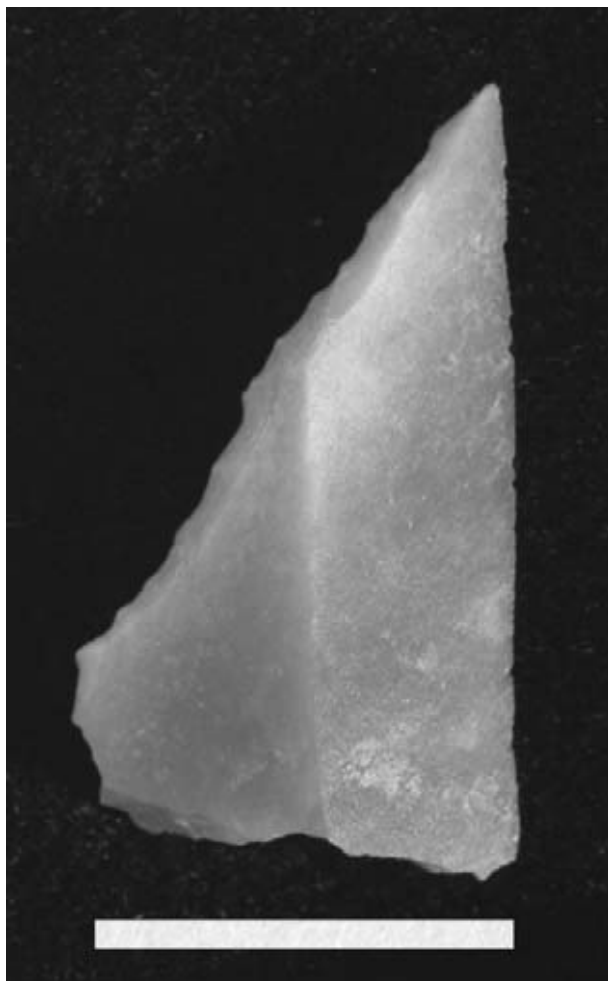


Fig. 4. Trapézio de sílex

do das deslocações do grupo, não só de núcleos, mas também de produtos acabados, esvaziando assim os inventários desta categoria de instrumentos.

A fraca representação de produtos talhados sobre rochas siliciosas seria, assim, consequência do “transporte selectivo” de materiais e utensilagens específicas, cujos efeitos sobre o registo arqueológico e etnográfico estão abundantemente documentados (e.g. Brooks, 1993, p. 180).

Em síntese, a indústria de pedra lascada da Moita do Ourives é, no essencial, uma indústria expedita realizada sobre matérias-primas locais, quartzito e quartzo, destinada a obter lascas, quase sempre utilizadas sem posterior retoque, com uma pequena componente de uma matéria-prima exógena, o sílex,

a partir da qual se obtêm produtos alongados, posteriormente transformados por retoque.

PEDRA POLIDA / ELEMENTOS DE MOAGEM

A pedra polida aparece pouco representada no registo arqueológico e muito fragmentada. Nas duas distintas campanhas levadas a cabo, até à data, na Moita do Ourives, só a de 2004 revelou a presença de pedra polida no sítio.

Na utensilagem de pedra polida estão representados o granito, do anfibolito, do quartzito e do arenito. O quartzito é a matéria-prima mais representada (5 instrumentos), seguindo-se o arenito (3), o granito (2) e, por fim, o anfibolito (1). O facto de o quartzito e do arenito se tratarem de matérias-primas locais não deverá ser alheio à sua maior representatividade. Tal como na indústria de pedra lascada, a sua origem e fácil aprovisionamento conferem-lhe um estatuto “preferencial” face às restantes matérias-primas.

Os moventes são os elementos predominantes no registo arqueológico. Os seis (6) instrumentos registados estão divididos pelo quartzito (2), arenito (1), granito (1) e por uma matéria-prima que ainda não se conseguiu identificar (2). O movente em arenito é o único instrumento passível de caracterização relacionado com esta matéria-prima. Os outros fragmentos identificados estão no campo dos *Indeterminados*, tal como outros dois (2) em quartzito e quatro (4) na matéria-prima não identificada.

Aliado a estes instrumentos, surge um (1) dormente (em granito), conferindo ao sítio Moita do Ourives uma actividade económica (moagem) característica do espaço crono-cultural em questão.

Ainda no que diz respeito ao quartzito, destaca-se a presença de um (1) martelo com nítidas marcas de uso nas extremidades.

A presença de anfibolite como matéria-prima alvo de acção humana está representada no único machado de pedra polida registado no povoado. Trata-se de um fragmento da extremidade distal do machado, que seria de pequenas dimensões. O seu reduzido tamanho, cerca de 6 cm, poderá ser um bom indicador cronológico, pois apresenta muitas dissemelhanças face aos registados em épocas posteriores, em povoados do Neolítico peninsular.

Apesar de se terem registado estes artefactos em diversas e distintas matérias-primas, o granito e o anfibolito merecem especial destaque uma vez que não existem localmente naquela área geográfica, sendo, desta forma, elementos exógenos.

Estes dados, embora escassos, permitem suscitar questões acerca da funcionalidade do sítio Moita do Ourives, bem como a mobilidade e actividades socio-económicas dos seus habitantes.

Quadro relação categoria tecnológica/ matéria-prima Utensílios pedra polida/ elementos de moagem						
	Granito	Anfibolito	Arenito	Quartzito	Outra	TOTAL
Utensílios pedra polida						
Machado		1				1
Martelo				1		1
Elementos de moagem						
Dormente	1					1
Movente	1	-	1	2	2	6
Outros						
Indeterminada			2	2	4	8
TOTAL GERAL	2	1	3	5	6	

6. CERÂMICA

Das campanhas realizadas até ao momento no sítio Moita do Ourives a de 2004 (*Locus 1*) foi a que forneceu mais informação ao nível do espólio cerâmico. Nesta campanha foram contabilizados 2778 fragmentos de cerâmica, sendo que 2555 pertencem a bojos lisos e 223 a bordos, fundos. A presença de cerâmica decorada está atestada em dois (2) fragmentos de bojo com decoração incisa. Da última campanha contabilizaram-se 524 fragmentos de bojos lisos e 40 de bordos. Em 2006 não se registou qualquer fragmento de cerâmica decorada.

Apresenta-se, geralmente, eolizada o que permite considerar que o sítio esteve durante algum tempo exposto, não nos permitindo, no entanto, realizar considerações acerca do processo de sedimentação. Aparentemente poderão ter sido os fenómenos pós-deposicionais que mais contribuíram para o desigual estado de preservação destes fragmentos. No entanto, não são de excluir factores tecnológicos relacionados com o tipo de pasta ou o tipo de cozedura estejam na origem desta situação. Pode colocar-se a hipótese tal como sucede com a indústria de pedra lascada, a produção cerâmica corresponda a fabricos expeditos, correlacionados com a funcionalidade/ tipologia de ocupação do sítio.

Os trabalhos de laboratório e relatório estão, ainda, numa fase muito embrionária. Esta leitura tem um carácter preliminar e carece de trabalhos ao nível do tratamento das cerâmicas, nomeadamente no que diz respeito a colagens dos fragmentos pertencentes a um mesmo recipiente. Quando este trabalho estiver concluído é provável que o número mínimo de recipientes (individuais) reduza consideravelmente.

6.1. PASTAS

A cerâmica da Moita do Ourives apresenta, no geral, pastas pouco compactas, com a presença de abundante elementos não plásticos, chegando alguns a ser maiores que 1 mm.

As pastas poderão ter uma origem local, uma vez que se encontram, nas imediações, núcleos de argila e os desgordurantes que compõem a amostra são arenosos, o que é perfeitamente compatível com a geologia do local.

6.2. MORFOMETRIA – TIPOLOGIA – FUNCIONALIDADE

Da análise efectuada aos bordos existentes verificou-se em toda a colecção uma grande homogeneidade de formas. Devido às reduzidas dimensões dos bordos não foi possível determinar em todos eles a sua forma, havendo assim um grande número de bordos indeterminados.

Nas formas passíveis de classificação predominam as formas fechadas (com mais de 70% da amostra) tendo sido registadas algumas formas abertas, embora em número reduzido.

Dentro das formas fechadas dominam as formas esféricas e lisas, representativas de uma amostragem pouco diversificada.

Os bordos extrovertidos predominam na colecção, tendo-se ainda registado bordos rectos, e, em número muito reduzido os bordos introvertidos. O tipo de lábio predominante é o biselado, podendo este facto estar relacionado com a técnica de elaboração dos recipientes: modelagem. Estão também documentados os lábios rectos e os lábios arredondados.

Ao nível da espessura dos recipientes, as cerâmicas registadas na Moita do Ourives caracterizam-se pelas suas paredes pouco espessas, na ordem dos 5/7 mm. Não foi registado qualquer fragmento que se enquadrasse com o grupo dos recipientes de armazenagem. Não estão presentes cerâmicas com paredes espessas nem com diâmetros largos.

6.3. CERÂMICA DECORADA

Ao nível decorativo foram apenas identificados dois bojos com decoração. A técnica decorativa representada é a incisa sendo o seu motivo uma linha, aparentemente horizontal (ausência de bordo impossibilita a sua total garantia), ao longo do recipiente. Estes fragmentos poderão pertencer a recipientes com um sulco abaixo do bordo, grupo de artefactos tradicionalmente enquadrados numa fase de transição do Neolítico antigo para o Neolítico médio. Este tipo de artefactos está representado no mundo do sudoeste do território português (SILVA e SOARES, 1980) e em contextos datados no Maciço Calcário Estremenho, nomeadamente no Abrigo da Pena d'Água (CARVALHO, 1998).

6.4. LEITURA GERAL

Conclui-se assim, que as cerâmicas da Moita do Ourives apresentam uma grande homogeneidade formal, correspondendo a formas simples, indiciadora de uma cronologia possível para o sítio. De facto, estas cerâmicas parecem ir ao encontro da perspectiva que terá havido uma ocupação culturalmente homogénea daquele local e que esta ter-se-á realizado num curto espaço de tempo. A ausência de recipientes de armazenamento não parece compatível com uma ocupação permanente para o sítio.

Destaca-se o facto de todos os recipientes terem uma base esferoidal, formando pequenos vasos e taças. A decoração está praticamente ausente nesta colecção, exceptuando dois bojos que detêm uma decoração incisa. De realçar, também, a ausência de qualquer fragmento de recipiente com carenas. Estas ausências deverão estar correlacionadas com as características da própria colecção e do período cronológico intrínseco.

O facto de se terem detectado colagens de recipientes com fracturas antigas e de se ter exumado uma taça cujo perfil se

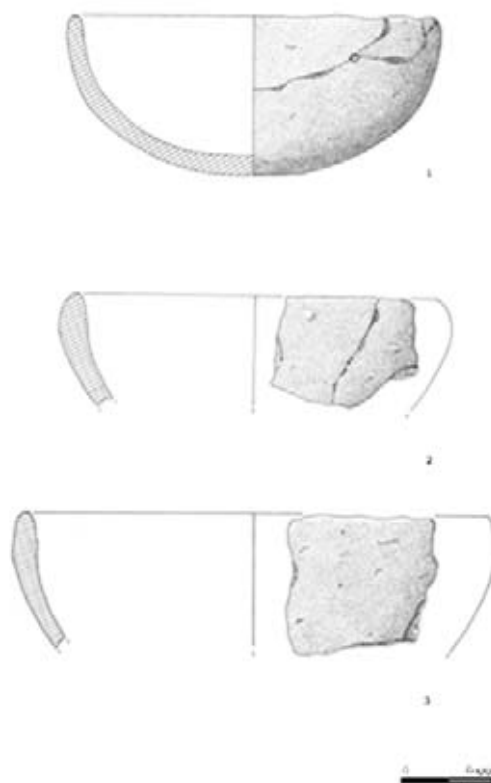


Fig. 5. Moita do Ourives – materiais arqueológicos

encontrava inteiro indicia, tal como já havia acontecido na análise da indústria lítica, que o sítio, apesar dos fenómenos pós-deposicionais que sofreu, encontrava-se relativamente bem conservado.

O estudo da cerâmica proveniente da Moita do Ourives está condicionado pela ausência de paralelos, dada a escassez de sítios de cronologia similar. As tentativas de obter paralelos esbarram no número reduzido de materiais que outros sítios de habitat fornecem, exemplo Abrigo da Pena d' Água (CARVALHO, 1998), ou em sítios onde a real quantificação dos materiais arqueológicos encontra-se ausente (Sudoeste do território português (SILVA e SOARES, 1980). Por outro lado, os paralelos, ao nível de sítios de habitat, referem-se a sítios com várias ocupações, de diferentes enquadramentos crono-culturais. Também por este facto a Moita do Ourives obtém um carácter singular e de grande relevância para o estudo das primeiras sociedades camponesas na região e no restante território nacional.

7. MOITA DO OURIVES: TIPOLOGIAS DE OCUPAÇÃO E DINÂMICAS DE EXPLORAÇÃO DO TERRITÓRIO

De acordo com a informação recolhida nas duas campanhas de escavação no habitat Moita do Ourives, nas quais se observou um nível de ocupação estratigraficamente bem definido, sugerem-se as seguintes interpretações:

1. Existência de uma única fase de ocupação, culturalmente homogênea;
2. Ocupação de carácter temporário atendendo a monotonia tipológica da indústria lítica e da cerâmica, a ausência de recipientes de armazenagem e fragilidade das estruturas de habitat.

Se, no sítio, está documentada uma relativa diversidade de acções – talhe de diferentes matérias-primas, moagem de produtos vegetais, processamento de alimentos e caça – o domínio, no conjunto das lascas de quartzito e a aparente homogeneidade do material cerâmico não parece compatível com uma ocupação permanente do local.

De acordo com os dados da cultura material o sítio terá sido ocupado por um grupo com um economia mista, utensilagem de caça e de farinação, ainda que a total ausência de matéria orgânica não permita a reconstituição directa do subsistema económico.

A presença de matérias-primas exógenas, provenientes quer das áreas próximas do interior alentejano (anfíbolo e xisto), quer das regiões calcárias da Estremadura demonstram a integração, através de redes de troca, de esquemas de mobilidade residencial e/ou logística, deste habitat em circuitos supra-regionais.

A definição de uma rede de povoamento na qual se integra o sítio da Moita do Ourives não pode ser, neste momento, reconstituída. Na margem esquerda do Baixo Tejo, a realização

de prospecções selectivas permitiu a identificação de outros pequenos habitats que, no entanto, e atendendo à tipologia dos materiais de superfície (indústria lamelar, cerâmicas impressas e incisas) pertencem a uma fase mais antiga da diacronia neolítica.

Estão programados futuros trabalhos de prospecção na área com o objectivo de recuperar a malha de povoamento em que este sítio se insere, ainda que a ausência de fósseis directores possam “camuflar” uma ocupação crono-cultural idêntica.

A correlação cronológica e cultural entre este tipo de habitats e a emergência do fenómeno megalítico é também uma questão, no presente, em aberto.

Em simultâneo, a escassez de matéria orgânica compromete a obtenção de datações absolutas, que seriam uma prioridade face ao reduzido número de datações disponíveis e de habitats conhecidos que possam ser integrados nesta etapa cultural.

Apesar das inúmeras questões que ainda existem para o sítio da Moita do Ourives, o facto é que as intervenções contribuem para preencher o vazio de informação existente acerca do Neolítico médio em Portugal e da Pré-história recente no Baixo Tejo.

BIBLIOGRAFIA

- CARVALHO, A. F. (1998) – Abrigo da Pena d' Água (Rexal-dia, Torres Novas): resultados das campanhas de sondagem (1992-1997). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:2. pp. 39-72.
- LIGHTFOOT, R. (1993) – “Household abandonment among sedentary Plains societies: behavioral sequences and consequences in the interpretation of the archaeological record”, in: *Abandonment of settlements and regions. Ethnoarchaeological and archaeological approaches*, Cambridge: CUP.
- RODRIGUES, A. F. (2004) – *Moita do Ourives. Escavação arqueológica no PK 18+400 / 18+425 do lote D da A13*. Relatório final entregue ao Instituto Português de Arqueologia. Texto policopiado.
- RODRIGUES, A. F. (2006) – Moita do Ourives: um habitat do Neolítico médio do Baixo Tejo. *Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular*. ADECAP. Universidade do Algarve. Faro.
- SILVA, C. T. e SOARES, J. (1981) – *Pré-história da área de Sines*, Lisboa. GAS.
- ZBYSZESWSKY, G; FERREIRA, O. V. (1968) – *Carta Geológica de Portugal. Notícia Explicativa da Folha 31-C, escala 1/50 000*, Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa.
- (1967) *Carta Geológica de Portugal. Folha 31 – C, escala 1/50 000*, Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa.
- Carta Militar de Portugal*, folha 391, Instituto Cartográfico do Exército, escala 1/25 000 Lisboa, suporte digital.